

E porque tudo está mesmo condenado a desaparecer, é preciso tomar algumas providências, cuidar para que alguns registros sejam feitos, algo que sirva como testemunho das relações efêmeras, dos diálogos fundados na vacuidade que as coisas estabelecem umas com as outras. Por isso Bruno Vieira, preocupado com as fronteiras voláteis entre o natural e o artificial, faz uso de fotografias e vídeos para demonstrar, como em **Invasões**, o modo como o périplo do sol deflagra cá em baixo o movimento de todas as coisas, sobretudo daquelas que, descuidadamente, pensávamos estáticas; para explicitar, como em **Cidade de Areia**, que todas as arquiteturas são finitas e que mesmo a aparente solidez das colunas não as impede que desabem pela ação intangível do vento; para assinalar, como em **Água viva**, que é mesmo feita de gelo o coração de toda matéria que há, e que por estar flutuando sobre um mar morno, não demorará para que ele se veja devolvido à água, ponto de partida e destino do seu pulsar.

Agnaldo Farias